

A terra portuguesa—O povo português

As razões pelas quaes Portugal é esquecido são precisamente as que para alguns o tornam verdadeiramente adoravel. Durante meio seculo a arte quasi nada fez pelas suas vias fluviaes; o Douro, o Guadiana e o Tejo correm atravez daquelle paiz como os regatos serpenteando nos grandes parques ingleses. As grandes cidades do interior, Coimbra, Santarem, Evora e Miranda, parecem bonitos kioskes levantando-se sobre tapetes de verdura; retiros pacificos, solidões animadas com uma vida socegada que não pula e salta como em França, onde uma humanidade está tranquillã, em vez de se lançar nos riscos desconhecidos do futuro.

As cidades da costa, Lisboa, Porto, parecem mais sitios de habitação convenientemente collocados para melhor gosar a luz do sol e as brisas do oceano, do que communidades largamente attentas, guardando os seus interesses mercantis nas trocas commerciaes dos productos do Velho Mundo com as riquezas do Novo.

Se os portugueses tivessem sido especuladores tão habéis como foram intrepidos marinheiros e guerreiros distinctos, Henrique, o

Nota da Redacção. — A «Portugalia» não perderá occasiões, que se lhe offereçam, para divulgar os juizos de estrangeiros a respeito do nosso paiz, quando os domine e boa-fé, porque frequentemente nelles se contêm observações curiosas e inesperadas para quem limite os seus horizontes á pouquidade da vida lisboeta. Nesse sentido damos hoje as paginas introductorias da «Historia de Portugal» da bem conhecida «*Historian's History of the World*», editada pelo «*Times*», de Londres, as quaes no-las envia em traducção cuidada um amigo da revista.

Navegador, que deu o exemplo da conquista marítima, Dias, Vasco da Gama, Cabral, Albuquerque, capitães valentes, identificados com a dynastia de Aviz, teriam imitado a prudente especulação dos holandeses, seus rivaes. E se, quando a Illustre Casa de Bragança abriu a era de liberdades nacionaes, o povo tivesse tido na sua cabeça menos imaginação poetica e mais poder de razão; se corajosos e aventureiros como foram, se tivessem mostrado mais positivos, os franceses primeiro e os ingleses depois, nunca teriam invadido o seu thesouro, explorado o seu solo, nem paralyzado as suas industrias.

Uma nação verdadeiramente infantil, satisfeita com pouco, procurando o ideal, economica sem avareza, pura na moral, sobria, generosa, hospitaleira, os portuguezes teem creado heroes em vez de diplomatas, poetas em vez de capitalistas; elles souberam defender valentemente o seu paiz contra os romanos, os arabes e os hespanhoes e ainda mais recentemente contra o exercito de Napoleão.

Portugal tem-se conservado uma nação livre, independente e original, possuindo uma linguagem, uma litteratura, maneiras e costumes distinctos, e governando-se por uma Constituição das mais liberaes da Europa.

Para tornar Portugal completo, o Brasil e as colonias seriam necessarios a este paiz, cuja lingua é fallada no continente europeu apenas por cinco milhões de habitantes; assim o pequeno dominio que tanto restringe o uso desta linguagem cria um obstaculo á popularidade das obras a que a sua lingua dá origem, como a sua pobreza lhe impede o desenvolvimento das Bellas-Artes. A inveja e a indifferença, dupla afflicção das nações do sul, teem reprimido as aspirações litterarias e artisticas dos portuguezes. Qual é o homem de genio que se resolve a uma carreira de abnegação, sómente para ser calumniado e perseguido como foi o principe Henrique, para ter um fim miseravel como o almirante Pacheco ou como Camões; ou para se definhar esquecido como o pintor Gama, reduzido a fazer taboletas de tabernas; como o esculptor Machado de Castro e o fundidor Costa, creadores da estatua equestre de D. José I, digna de enfileirar com as maiores obras de arte do seculo XVIII? O estímulo e a recompensa são a salvaguarda da emulação, e a emulação utilizando os recursos moraes dum povo permite-lhe o uso das

suas vantagens para o levantar ao nível das outras nações. Excepto um pequeno numero de moedas, os phenicios, os phoceos e os carthagineses quasi não deixaram vestigio da sua occupação ou passagem em Portugal; mas o contacto de Roma fez-se sentir melhor que na Hespanha. A Pax Julia de Cesar dorme trinta pés abaixo da cidade de Beja e necessita apenas a simples força de vontade para ser accordada, com a sua população de estatuas, as suas inscripções e os seus frescos; Liberalitas Julia, a Ebora de Ptolomeu, edificada como Beja num terreno elevado na provincia do Alemtejo, tem um duplo character, o de uma cidade grega com o seu templo de Diana, e o de uma cidade romana com o seu grande aqueducto, immensas obras feitas por Quintus Sertorius, que se asseihoreou della oitenta annos antes da era christã.

A aristocracia de Pax Julia e Liberalitas Julia costumava passar o verão na pequena municipalidade de Alcacer, onde havia uns banhos famosos sob a protecção de uma divindade local, a nympha Salacia. Bragança, a Juliobriga; Lisboa, a Felicitas Julia da era de Augusto, tinham egualmente recebido o seu baptismo politico do conquistador da Gallia; quanto á antiga Lusitania, tornando-se uma provincia Juliana ou Cesariana, facilmente adaptou os costumes e organizações do governo romano ás suas instituições carthaginesas.

Vespasiano e Trajano fizeram de Chaves uma cidade importante; Vizeu é a Vesontium do consul D. Brutus; Lamego, a Urbs Lamacœnorum de Trajano. Setubal occupa um terraço opposto á antiga colonia romana de Cetobriga. Em Braga, Ponte do Lima, Salvaterra, encontram-se vestigios de amphitheatros, aqueductos, banhos e templos; de modo que excavações bem dirigidas evocariam os manes do povo soberano que, governando o universo, tinha nas costas da Hispania uma posição favoravel para observar a Numidia.

Desde o setimo seculo até á tomada de Lisboa em 1147, a architectura mourisca teve os seus effeitos na magestosa elegancia das grandes linhas e arcos dos predecessores dos serracenos; os banhos de Cintra, a muralha de Lisboa com as suas setenta e sete torres, as fortificações e palacios de Evora e muitas mesquitas depois transformadas em igrejas indicavam no fim do seculo doze o grau de impressão do Islamismo no sólo portuguez — uma acção instavel, sem consistencia, sem profundidade, explicando a rapidez da conquista assim como o temor da posse ephemera. Pouco a

pouco, em vez de mesquitas elevaram-se igrejas, verdadeiras cidadellas apostolicas, quartéis-generaes para a guerra contra o infiel. Informes e rudes a principio, desenvolveram-se á medida que os exercitos christãos conquistavam o solo; mas quando o povo effectuou o seu triumpho completo viu-se obrigado a chamar artistas estrangeiros, mais habéis do que elles na interpretação da architectura vernacula. Os portuguezes souberam combater com bravura e cantar os seus triumphos, mas não souberam construir: e por esta razão o mosteiro de Alcobaça, fundado como cumprimento de uma promessa feita por D. Affonso I, em 1170, é uma igreja anglosaxã, construida por operarios ingleses. Uma nova epocha architectonica data do seculo xv, e as suas melhores características são perpetuadas pela abbadia da Batalha. No seu genero, é um dos edificios mais bellos existentes; e é seguramente o mais magestoso e o de formas mais puras que Portugal possue. Foi construido no reinado de D. João I (1385-1433) que chamou de Inglaterra um celebre esculptor, chamado Stephenson.

Muitos artistas allemães, ingleses e normandos chamados pelo monarcha, vieram em seu auxilio. O proprio D. João e a sua rainha D. Philippa, neta de Eduardo III de Inglaterra, superintendiam nos trabalhos. E para que nada faltasse á magnificencia poetica e detalhes graciosos da construcção, outra rainha, a piedosa D. Leonor, e dois monarchas, D. João II, o rei-poeta, e depois d'elle, D. Manuel I, seguiram a continuação da obra com interesse intelligente.

Nada, em toda a peninsula, rivalisa em magnificencia com a fachada do mosteiro, nem em arrojo com a sua sala do Capitulo.

(Ed. do «Times»)

Traducção de M. B.